



## WALTER GEORGE DURST NA RÁDIO TUPI E O *CINEMA EM CASA*

**Antonio Adami**

UNIP

### **Apresentação**

Em função do tema central do livro ser as “ Personagens e Episódios do Rádio Brasileiro” , optei em não escrever um texto eminentemente teórico sobre o veículo ou sua linguagem, mas tentarei escrever este artigo com um cunho de natureza testemunhal, revendo um grande momento e um grande nome do rádio brasileiro que, via de regra é lembrado vinculado apenas à teledramaturgia. Neste sentido e, relembando das muitas histórias e nomes do rádio paulista, resolvi escrever sobre um homem que foi de extrema importância tanto para o rádio como para a televisão, pois a teledramaturgia se constituiu, no meu modo de ver, a partir de experiências do radiodrama e, de um nome em particular, WALTER GEORGE DURST e o “ Cinema em Casa”, criação de Otávio Gabus Mendes.

Nosso objetivo portanto, é chamar a atenção para este autor, que tem no rádio um trabalho muito pouco conhecido e, tentar contribuir, com estas informações, para maior e melhor conhecimento da história do rádio e de seus personagens. Este é um texto portanto de natureza testemunhal, dada a breve experiência que tive com o protagonista e também a partir do depoimento de um outro grande profissional e estudioso do rádio, que viveu aquele período com o Durst, Professor MÁRIO FANUCCHI.

Como estou escrevendo a partir de experiência pessoal e depoimento, optei por utilizar uma forma específica de narrar, contando uma história, como uma homenagem ao grande mestre das adaptações no rádio, teatro, televisão e cinema. Num primeiro momento então, escreverei um pouco sobre a história do rádio no Brasil e em São Paulo, para, posteriormente fazer uma ligação com o “Cinema em Casa” de Durst no rádio, que ocorre justamente a partir da compra da Rádio Difusora e a fusão com Rádio Tupi, por Assis Chateaubriand.

Sobre o assunto, em sua dissertação de Mestrado, “O Resgate da História do Rádio Paulista – AM, até anos 60”, José Mauro Martins Pires, comenta:



*“Um episódio que precisa ser melhor esclarecido é o da formação das Emissoras Associadas de São Paulo, ou seja, “o fim de tudo o que era bom”, “segundo o difusoriano” Mauro Pires. A compra das ações da Difusora pelo Assis Chateaubriand marcou o início da grande fase do que seria seu grande império, mas os remanescentes da Difusora se sentiram invadidos. Não fossem as figuras de Dermival Costa Lima, a quem todos viriam a chamar carinhosamente de “chefe”, como reconhecimento de sua personalidade simpática e cativante, e de Chico Rizzini, diretor comercial, talvez o processo de associação das emissoras não tivesse alcançado o sucesso que alcançou”.*

## **Um pouco de História**

Voltando um pouco no tempo, gostaria de lembrar aos leitores que o Rádio como veículo de comunicação de massa, surgiu nos Estados Unidos em 02 de novembro de 1920, quando a emissora KDK, da cidade de Pittsburg, na Pensilvania, transmitiu os resultados das eleições norte-americanas. No entanto a história pode não ter um registro absolutamente incontestável, pois as primeiras transmissões da palavra humana, foram realizadas no séc. XIX, pelo Padre Gaúcho Roberto Landel de Moura. Sobre o assunto o radialista e pesquisador Luiz Carlos Saroldi, relata o seguinte:

*“ Antes do discurso do Presidente Epitácio Pessoa, inaugurando no dia 7 de setembro de 1922, a Exposição do centenário da independência, na explanada do castelo, muita gente mais se interessou em implantar o rádio no Brasil, entre eles o Padre Roberto Landel de Moura. Gaúcho, estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e se formou em Roma em ciências físicas e químicas. Era um inventor nato e em 1893, em Campinas, S.Paulo, ele já construía aparelhos que assustava seus paroquianos, seus inventos foram patenteados em São Paulo, em 1900 e nos EUA em 1904. Tratava-se do telégrafo sem fio, o telefone sem fio e um transmissor de ondas sonoras, no entanto não levou a primazia desses inventos. Quanto à primeira emissora a ser fundada entre nós, menciona-se também a reivindicação do título de pioneira para a rádio clube de Pernambuco, que tem um registro datado de quatro anos antes da fundação da rádio de Roquete Pinto, 06 de abril de 1919. Mas se tratava ainda de pesquisas de recepção rádio/telefone e não radiofônica e só a partir de 1922 é que conseguiram transformar um transmissor radiotelegráfico em transmissor radiofônico.”<sup>1</sup>*

No fundo, fora esta e outras discussões polêmicas sobre o tema, e, considerando a fala de Luiz Carlos Saroldi, Roquette Pinto foi mesmo o primeiro a ter fundado e posto para funcionar a primeira emissora de rádio no Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Mas vejamos, brevemente, como se dá também o processo em São Paulo.

---

<sup>1</sup> Entrevista de Luis Carlos Saroldi presente no CD “O Rádio no Brasil”, do Serviço Brasileiro da BBC de Londres



Posso assegurar que escrever um artigo sobre o veículo rádio no Brasil e sobre a história de um personagem do rádio paulista, em particular, além de ser uma responsabilidade muito grande é também quase uma ousadia, dada a riqueza de toda esta história: nomes, datas, momentos, diálogos, tudo se passa por nossas cabeças quando entramos neste “ túnel do tempo” e claro, a importância da obra de Walter George Durst, tanto para o rádio, TV, cinema, teatro, que, com suas adaptações literárias, conseguiu, além de levar textos literários ao grande público, também deixou um legado para as novas gerações de autores, empresários de comunicação e teóricos, ou seja: é possível produzir para os diferentes veículos, programação de alto nível e bom gosto sem perder as características e especificidades de cada veículo.

Refletindo neste “túnel do tempo” do rádio, fragmentos da história, relacionados ao veículo, vão compondo um mosaico de datas, nomes, locais, episódios. Entre eles, não poderia deixar de citar principalmente as conversas com o Professor Mário Fanucchi; Orlando Duarte; os encontros na ARTV, com Vida Alves, César Monteclaro, Dora Castellar, Magalhães Júnior; nossos colegas de rádio principalmente do Vale do Paraíba; a homenagem aos 80 anos do rádio, feita na rádio Eldorado em 2002 e as discussões com pesquisadores e estudiosos do rádio em todo o Brasil, através do Grupo de Trabalho do INTERCOM.

Quando falamos sobre a história do rádio é sempre bom que nos lembremos dos anos vinte e a saga do cientista e professor, considerado o “Pai do Rádio no Brasil” , Roquette Pinto e a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Também a grande Escola que foi a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com certeza uma fonte inspiradora para um novo veículo que estava por vir: a televisão.

Daquela ocasião, da “primeira experiência de rádio no Brasil”<sup>2</sup> , feita no corcovado, até os dias de hoje, o rádio tem demonstrado ser um veículo único, que com especificidades e características próprias convive muito bem com a era digital, se adaptando com informação e música, inclusive na web e, continua sendo, o veículo do imediatismo e da instantaneidade. Além de continuar podendo ser ouvido em qualquer local , por isso é que sem dúvida é o veículo a que estamos mais expostos no dia-a-dia.

Além dos grandes momentos do rádio no Rio de Janeiro, Rio Grande Sul, Pernambuco, entre outros Estados da União, o Rádio de São Paulo também surgiu com muita

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



força, principalmente a partir de 1931. Paulo Machado de Carvalho, nos deixa um depoimento épico narrando assim sobre esta época:

*“Em 1931 acabava eu de desmontar uma empresa de luminosos. Nessa ocasião existia um senhor que tinha uma casa de discos que se chamava Record. Junto com a casa de discos ele tinha a Rádio Record montada, embora não funcionando. Era o senhor Álvaro Liberato de Macedo. Então ele me ofereceu a rádio Record. Eu nem sabia o que era aquilo e em três resolvemos ver o que era esse negócio que chamavam de rádio e que emitia uns sons. Um negócio muito difícil de se ouvir. Então nós fomos até a Praça da República, dezessete, para ver o que era esse negócio que chamava-se rádio... Assim, era nesse terreno que estava a rádio Record, sendo que já existia em São Paulo, funcionando, a Rádio Educadora Paulista. Fomos à Praça da República, dezessete, abriu-se a porta e viu-se uma sala cheia de cadeiras, um negócio grande que chamavam de microfone, uma porção de fios pendurados e amarrados e um piano...”*

Introduzimos no texto a fala de Paulo Machado de Carvalho pois esta emissora se tornou, na época, o maior canal de comunicação da sociedade paulistana, inclusive sendo, durante a Revolução de 32, a “emissora da revolução” e a voz do locutor César Ladeira, “a voz da revolução”, pois lia ao microfone discursos de personalidades brasileiras contra Getúlio Vargas.

Antes da Record, que havia sido fundada em 11 de junho de 1931, já funcionava em São Paulo a SQIG – Sociedade Rádio Educadora Paulista, fundada em 30 de novembro de 1923. Foi inclusive nesta rádio que nasceu a transmissão do futebol como nós conhecemos hoje, com o radialista Nicolau Tuma. Ainda em 1923, em 17 de junho, surgia a Rádio Club São Paulo. Em 2 de maio de 1927, a rádio Cruzeiro do Sul, PRB-6. Em 1933, nascia a Rádio Cultura, PRE-4. Em 17 de agosto de 1934, surgiu a Rádio Kosmos, PRE-7. Em 24 de novembro de 1934, inaugurou-se a Rádio Difusora São Paulo, PR-F 3. Ainda em 1934, na rua 7 de Abril, nasceu a Rádio São Paulo PRA-5, uma das primeiras a segmentar a programação. Em 3 de setembro de 1937, foi inaugurada a Rádio TUPI de São Paulo PRG-2, a mais poderosa emissora de rádio de São Paulo.

Fiz um levantamento destas emissoras e datas até a chegada da Tupi - obviamente muitas outras grandes emissoras surgiram - pois foi nesta emissora que a comunicação brasileira deu um grande salto e, nessa emissora, é que melhor apareceu o trabalho em radiodramaturgia de Walter George Durst, que vamos nos referir logo abaixo com depoimentos de Mário Fanucchi.

---

<sup>2</sup> Esta foi a primeira experiência de transmissão feita no Brasil em 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Após a festiva inauguração da Rádio Tupi, com toda a pompa e presença de autoridades, entre elas o Governador do Estado de São Paulo, Dr. Cardozo de Melo Neto, a atenção de todo o Brasil se voltava para a emissora que se instalava no edifício dos Diários Associados, na rua 7 de abril. A sua direção artística primeiramente esteve ao encargo de Souza Lima, depois Armando Bertoni e finalmente Dermival Costa Lima. Sob sua direção é que a poderosa Rádio Tupi compra a Rádio Difusora e ocorre a mudança para o Sumaré. Chamada “a cidade do rádio”, o Sumaré ficava a seis quilômetros do centro de São Paulo. Em pouco tempo os negócios se expandiram e foi aí que a Tupi comprou a Rádio Difusora. Nesta nova era da Rádio Tupi, sua programação foi sacudida por inovações, dentre elas, o “Cinema em Casa”, criação de Otávio Gabus Mendes, na Rádio Difusora, feito, após, sua morte, na Tupi, por Walter George Durst.

Este programa foi, ao meu modo de ver, um dos grandes precursores da teledramaturgia no Brasil e Walter George Durst, sem dúvida, foi o encaminhador do radiodrama para o teledrama. Sobre isso, o texto a seguir é testemunhal de Mário Fanucchi.

É no trabalho de Walter George Durst, que se pode avaliar as possibilidades do rádio no campo da ficção. Durante anos, ele realizou nos estúdios do Sumaré um “programa-laboratório” – como precisamos vê-lo, tal sua importância quanto ao conteúdo e à linguagem – intitulado “Cinema em Casa”. Ali, tendo por instrumento um simples microfone, recursos típicos do teatro, do cinema e da própria literatura se fundiam num meio de expressão de notável poder. Além de explorar o campo riquíssimo dos argumentos cinematográficos, o segredo maior desse programa era contar com a cumplicidade do ouvinte, suggestionado por estes elementos básicos: diálogo, música, efeitos sonoros... e silêncio.

Acompanhar no estúdio a transmissão de um desses programas era uma experiência única. Sentia-se a concentração dos atores, do contra-regra e do sonoplasta, um olho no *script* e outro em Durst, que determinava o ritmo das falas, as pausas, a entrada de um ruído ou de um acorde, e parecia inculcar em todos a vontade de buscar simplesmente a perfeição. A começar pela construção do roteiro, o “Cinema em Casa” era, sob todos os aspectos, inovador. Nas novelas ainda se recorria ao narrador para descrever os cenários, definir situações e até trocar em miúdos para o ouvinte os sentimentos nada sutis dos personagens. A padronização do diálogo, da música de fundo e até do vocabulário, representava um



caminho seguro do qual poucos novelistas atreviam-se a fugir. Afinal, a novela nada mais era que o velho romance de folhetim transposto para o rádio, com um mínimo de invenção, visando facilitar ao máximo a compreensão dos ouvintes.

O “Cinema em Casa”, ao contrário, chocava pela forma revolucionária da narrativa. Os diálogos eram enxutos e não faziam concessões; as cenas se sucediam como cortes na montagem cinematográfica; os efeitos sonoros – alguns produzidos na hora e outros, fruto de cuidadosa pesquisa, previamente gravados em discos de acetato – contribuíam para aprimorar a fórmula. O resultado era o total envolvimento do ouvinte, que, mesmo se, no primeiro instante, não entendesse bem algum detalhe da trama, acabava sempre por captar o essencial.

A adaptação dos filmes era fiel ao original: diálogos mantidos quase intactos; trilhas-sonoras – geralmente gravadas durante a exibição dos filmes em sessões comuns dos cinemas – aproveitadas da melhor forma possível; a linguagem cinematográfica transposta com habilidade para o rádio; microfones utilizados em diferentes planos, para dar uma nova dimensão às falas – enfim, o aproveitamento integral do mais eficiente meio de comunicação da época. Em cada filme havia sempre um detalhe, uma cena em particular, que exigia muita criatividade no planejamento, concentração nos ensaios e desempenho seguro de todos os participantes durante a transmissão.

O “Cinema em Casa”, escrito e dirigido por Walter George Durst representava, em seu todo, uma otimização dos recursos do rádio. O que torna aceitável a teoria de que foi por meio desse programa e uma ou outra proposta igualmente inovadora que se chegou às primeiras experiências bem sucedidas de teledramaturgia, como, por exemplo, o “TV de Vanguarda”. De fato, ao abordar somente filmes de qualidade, produzidos nos Estados Unidos, França, Itália, Inglaterra, Alemanha, Espanha e até em países da América Latina, inclusive no Brasil, o programa pode ter contribuído na formação de um futuro telespectador mais exigente.

Vale registrar alguns títulos de filmes adaptados dentro do “Cinema em Casa”: *Os amantes de Verona, Casablanca, O diabo disse não, Carícia fatal, Belinda, Crepúsculo dos deuses, Os melhores anos de nossas vidas, O morro dos ventos uivantes, Do mundo nada se leva, Macbeth, Memórias de um sargento de milícias, O tesouro de Sierra Madre, O idiota, Henrique IV, O espectro da rosa, Olhai os lírios do campo, Os Irmãos Karamazov, Quando*



*fala o coração, Por quem os sinos dobram, Na solidão da noite, Pacto sinistro, Um barco e nove destinos e Sinfonia Pastoral.*

Não deixa de ser significativo, também, o elenco básico do programa: Walter Forster, Cassiano Gabus Mendes, Heitor de Andrade, Lima Duarte, Lia de Aguiar, Guiomar Gonçalves, Flora Geni, Marcia Real, Laura Cardoso, Wilma Bentivegna, Néa Simões, Walter Avancini, Célia Rodrigues, Fernando Baleroni, Milton Ribeiro, Xisto Guzzi, João Monteiro, Manoel Inocência, Araken Saldanha, Amaral Novais, Luiz Orioni e Julio Nagib – nomes que se inscreveram, mais tarde, nos primeiros capítulos da história da televisão brasileira.

### **O Rádio e a TV nos Anos 50: transição**

Em 1987, numa entrevista à Rádio USP<sup>3</sup>, Dionísio Azevedo, um dos mais importantes atores do rádio e, mais tarde, da TV, que se notabilizou, também, na produção do “TV de Vanguarda”, juntamente com Cassiano Gabus Mendes e Walter George Durst, assim se manifestou sobre o rádio nas décadas de 40 e 50: “O rádio era feito por gente que veio do teatro, do cinema. Otávio Gabus Mendes, por exemplo, era um grande homem de rádio, mas, antes, era um homem de cinema e veio a ser um inovador no rádio. Oduvaldo Viana foi, praticamente o introdutor da radionovela no Brasil. Nesse tempo, a gente fazia adaptações para o rádio de filmes importantes e textos clássicos. Havia outros, como Dias Gomes e Oswaldo Molles – enfim, era um rádio em que mourejavam pessoas vindas de vários setores da criatividade.”

No ano seguinte, o próprio Walter George Durst, em depoimento no Curso de Pós-Graduação da ECA/USP<sup>4</sup>, lembrava o estágio em que se encontrava o rádio imediatamente antes da televisão: “O rádio era o meio de comunicação de maior força para aumentar o universo das pessoas. Hoje, o homem estatisticamente médio tem a televisão, o cinema, uma porção de meios para se modificar. Naquele tempo, o IBOPE mais forte era o rádio. Lia-se pouco e o rádio estava presente em todos os momentos do dia.”

---

<sup>3</sup> Durante o evento “A Imagem no Ar – PRF3 TV Tupi”, organizado pela Coordenadoria de Atividades Culturais/USP.

<sup>4</sup> Na série de depoimentos dentro da disciplina “O Rádio e a TV nos Anos 50: transição”, a cargo do autor deste texto.

Quando passaram para o estúdio de televisão, Durst e um seleto grupo de produtores entregaram-se à tarefa de materializar aquilo que, até então, só era possível construir com o auxílio da imaginação dos ouvintes. Já não bastava criar cenários, retratar personagens e construir toda uma trama apenas com apoio no som; mas este, dominado como já estava, acabou por facilitar a adaptação. Foi importante contar com atores que sabiam usar o microfone e, em muitos casos, valeram-se dessa aptidão para se inserir rapidamente no novo meio. Criou-se, assim, uma escola de transição em que o rádio era como que um curso básico e a televisão o objetivo de estudo imediato. Como lembrou Dionísio Azevedo, na entrevista acima referida: “Foi um período de busca, de pesquisa, porque nós procurávamos primeiro tomar conhecimento do que era o ‘monstro’ recém-chegado – a nova linguagem à qual deveríamos nos adaptar. Na verdade, essa insipiência nós cobríamos com as possibilidades inventivas de cada dia.”

O “monstro” que desafiava Dionísio desafiava igualmente grande parte dos profissionais da Tupi e da Difusora, que, nos primeiros tempos da televisão, exploraram praticamente todas as possibilidades do novo meio, como se pode deduzir deste simples levantamento:

- Música: sucessos do momento, com a participação do elenco de cantores e coral das Associadas (acompanhamento de orquestra ou de conjuntos); “Georges Henry e seu Show Antarctica”; “Caderno Musical Pirani”; números musicais (canto e solos instrumentais) incluídos nos intervalos, à maneira dos videocliques atuais; cartazes internacionais, que também se apresentavam nas rádios; transmissão da Temporada Lírica.
- Variedades: com quadros cômicos e música; balé, com solos e corpos de dança.
- Teleteatro: telecontos; telenovelas, com dois capítulos semanais; seriados capa-e-espada; comédias de situação; policiais (mistério e máscara-negra); “Teatro de Walter Forster”; “TV de Vanguarda”.
- Documentário: filmes fornecidos pelos consulados, universidades do exterior e empresas multinacionais; “Veja o Brasil” – folclore.
- Telejornalismo: “Imagens do Dia”; crônica política.
- Entrevista: “Encontro entre amigos”.
- Feminino: culinária, modas, aconselhamento.



- Infantil: teatro de fantoches; ventríloquos; “Clube Papai Noel”; “Sítio do Pica-Pau Amarelo”; concursos.
- Esporte: transmissão direta de futebol; noticiário; mesa-redonda.
- Circo: números de prestidigitadores, malabaristas, palhaços e animais amestrados.
- Luta: boxe e luta-livre.
- Política: programas político-partidários; “Vídeo Político”; debates.
- Cinema: filmes de longa-metragem (repertório em 16 mm)
- Desenho-animado: repertório em 16 mm

Para finalizar, a surrada – mas verdadeira – frase: nossa TV nasceu do rádio.

## **BIBLIOGRAFIA**

ADAMI, Antonio, *Literatura Adaptada em Rádio e Televisão: da Palavra a Imagem e Som* In: BALOGH, Anna Maria; CARDOSO, Haidée Dourado; ADAMI, Antonio (Orgs.). *Mídia, Cultura, Comunicação*. São Paulo: Arte e Ciência, 2002. p. 157-165.

ADAMI, Antonio. *As Adaptações no Suporte Rádio: A Poética Sonora*. XXII COMPÓS. Rio de Janeiro, 2002.

BARBERO, Raúl E. *De La Galena al Satélite*. Montevideo: Ediciones de la Pluma, 1995.

PIRES, José Mauro Martins. *O Resgate da História do Rádio Paulista-AM até anos 60*. São Paulo: 2000. Tese (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Paulista- UNIP.